



Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022

Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora

Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagem da capa

Ian de Melo Freitas

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Eraldo Medeiros Costa Neto
Elis Rejane Santana da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E19 Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades / Organizadores Eraldo Medeiros Costa Neto, Elis Rejane Santana da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-935-3
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.353221802>

1. Espiritualidade. 2. Ecologia espiritual. 3. Natureza. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros (Organizador). II. Silva, Elis Rejane Santana da (Organizadora). III. Título.

CDD 248.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicado a todos e todas que almejam construir uma Nova Terra, reconhecidamente majestosa, irmanados na convivência harmoniosa com os seres que vivem em suas diferentes dimensões.

PREFÁCIO

O presente livro é uma ação e organização de membros do grupo de pesquisa “Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades”, da Universidade Estadual de Feira de Santana, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O livro tem por organizadores os professores Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS) e Dra. Elis Rejane Santana da Silva (UNEB, *Campus 3*), com a colaboração de diversos pesquisadores, de diferentes instituições de ensino superior, os quais vêm demonstrando interesse e ações no campo interdisciplinar da ciência, com foco na busca e compreensão da relação do universo espiritual com o universo natural, dentro da temática da Ecologia Espiritual. Aproveitamos esse momento para parabenizar tanto os organizadores quanto os demais autores dessa obra literária tão importante no atual momento que vivemos na ciência e academia, parabenizar pela determinação e ousadia em quebrar os paradigmas cartesianos e fechados da ciência tradicional, e por evidenciar que a ciência é um campo aberto e que nela podemos ter diferentes diálogos, diferentes olhares, diferentes percepções e diferentes atores sociais envolvidos.

O livro está organizado em quatro partes: 1) Ecologia, Espiritualidades e Conservação da Natureza; 2) Ecologia Espiritual na vertente de uma Ciência Ecocentrada; 3) Conexões com os Seres Elementais; e 4) Ecologia Espiritual e Saúde Integral. Os capítulos distribuídos nessas quatro partes apresentam diferentes olhares no contexto da Ecologia Espiritual, com reflexões sobre possíveis caminhos a serem trilhados pelo grupo de pesquisa, formado junto ao CNPq em março de 2021. Os autores destacam, entre outras coisas: a tentativa de extermínio da percepção da Terra como a Grande Mãe, como vetor, embora não isolado, da separação ser humano-Natureza; correntes de pensamento integrativo onde o ser humano não está apartado da Natureza, mas dela é elemento; e desafios e possíveis caminhos para que a Ecologia Espiritual auxilie na reunificação ou reconexão do ser humano com a Natureza.

Sobre a Ecologia Espiritual, podemos encontrar afirmações e explicações interessantes, como as que seguem, extraídas do livro “Ecologia Espiritual: o choro da Terra” (The Golden Sufi Center, 2013), editado por Llewellyn Vaughan-Lee, no qual temos textos de escritores, filósofos e mestres espirituais:

“Se é para nós restaurarmos o equilíbrio em nosso planeta, nós precisamos ir além da superfície para curar a separação entre espírito e matéria e assim contribuir em trazer o sagrado de volta à vida.”

“A Ecologia Espiritual é uma resposta espiritual à presente crise ecológica. Este campo em desenvolvimento une ecologia com a consciência do sagrado existente na criação, firmando uma nova forma de se relacionar no mundo”.

"A Ecologia Espiritual propõe que as realidades físicas da crise ecológica que vivenciamos – desde os fenômenos de alteração climática ao consumismo exacerbado e poluição das águas, ar e solo, refletem uma realidade mais profunda, a da crise espiritual".

Diante da importância dessa área da ciência e de toda a contribuição que a Ecologia Espiritual pode trazer para auxiliar no entendimento e busca por soluções das crises ambientais que o mundo vem passando, inclusive com impactos na vida emocional, pessoal, social, familiar e espiritual de cada pessoa, que referendamos o presente livro, o qual chega em hora muito oportuna para fazer eco e propagar essa realidade, que tem sido negligenciada por muitos. Precisamos nos reconectar com a natureza e salvá-la enquanto temos tempo. Essa reconexão também passa pelo respeito e proteção dos povos indígenas e populações tradicionais, os quais são os guardiões da natureza e vêm passando por diversos e complexos momentos de destruição de suas culturas e formas de viver, assim como suas conexões com a natureza.

Outro ponto a ser destacado no presente livro é seu caráter internacional, pois temos capítulos de pesquisadores de países como Argentina, Canadá, Colômbia, Equador e Estados Unidos, evidenciando que a temática da Ecologia Espiritual está sendo observada, discutida e desenvolvida em várias partes do mundo. Nesse contexto, o Brasil tem como colaborar fortemente nesse universo, em virtude da gigantesca diversidade biológica e cultural que temos em nosso país, em suas diversas regiões, com uma ampla heterogeneidade cultural, étnica, social e econômica, aliadas e relacionadas aos diferentes biomas como a Amazônia, Caatinga, Cerrado, entre outros, e em cada um deles, a presença marcante da espiritualidade com seus mitos e lendas, dos quais, muitos são relacionados com a proteção dos ecossistemas e sua biodiversidade.

Esse livro também contribuirá com a formação acadêmica de alunos, professores e pesquisadores que se interessem pela área da Ecologia Espiritual, fortalecendo assim o contexto da mesma como uma ciência séria, e que vem para somar com resultados robustos e necessários para enfrentar os problemas atuais da sociedade.

Termino deixando meus imensos parabéns aos organizadores e autores do livro "Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades", e desejo que o mesmo possa promover uma reconexão espiritual e natural de cada pessoa, cada leitor que tiver contato com o mesmo.

Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, 05 de novembro de 2021

SUMÁRIO

PARTE I - ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADES E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA


CAPÍTULO 1..... 1

ECOLOGIA ESPIRITUAL: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS INTEGRATIVOS

Eraldo Medeiros Costa Neto

Paula Chamy


Claudia Nunes-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218021>

CAPÍTULO 2..... 17

SPIRITUAL ECOLOGY: RECONNECTING WITH NATURE

Leslie E. Sponsel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218022>


CAPÍTULO 3..... 36

COSMOPERCEPÇÕES SOBRE AS SERPENTES

Jamille Ferreira Marques

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Moacir Santos Tinoco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218023>

CAPÍTULO 4..... 46

A BUSCA DO ELO PERDIDO PARA A RECONEXÃO SOCIEDADE E NATUREZA E O PAPEL DOS SÍTIOS NATURAIS SAGRADOS

Érika Fernandes-Pinto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218024>

PARTE II - ECOLOGIA ESPIRITUAL NA VERTENTE DE UMA CIÊNCIA ECOCENTRADA

CAPÍTULO 5..... 63

THE QUANTUM CONSCIOUSNESS PARADIGM FOR THE UNIFICATION OF SCIENCE AND SPIRITUALITY


Raul Franco Valverde

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218025>

CAPÍTULO 6..... 84

ECOLOGIA PROFUNDA


Hildo Honório do Couto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218026>

CAPÍTULO 7..... 92

ECOLOGIA ESPIRITUAL INTEGRATIVA NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA PARA UM MEIO AMBIENTE SUSTENTÁVEL


Ian Felipe Nascimento
Fábio dos Santos Massena
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218027>

CAPÍTULO 8..... 100

TEMPO, CORPO, MUNDO: PARA UMA FENOMENOLOGIA DO MISTICISMO ECOLÓGICO

João José de Santana Borges


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218028>

PARTE III - CONEXÕES COM OS SERES ELEMENTAIS

CAPÍTULO 9..... 123

AS FUNÇÕES ECOSSISTÊMICAS EXERCIDAS PELAS FADAS E OUTROS SERES DO REINO FEÉRICO


Ana Cecília Maria Estellita Lins
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218029>

CAPÍTULO 10..... 145

LA RECIPROCIDAD CON EL REINO ELEMENTAL: UNA INTERACCIÓN DE AMOR Y ARMONÍA CAPAZ DE DETENER CATACLISMOS, PANDEMIAS Y OTRAS ALTERACIONES PLANETARIAS

Aurora Lope
Mónica Tacca


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180210>

PARTE IV - ECOLOGIA ESPIRITUAL E SAÚDE INTEGRAL

CAPÍTULO 11..... 163

MODO ANTIGO DE REZAR: INTEGRANDO A ESPIRITUALIDADE DO SER


Gemicrê do Nascimento Silva
Gabriela Passos Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180211>

CAPÍTULO 12..... 174

ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE: CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE HUMANO


Geraldo Milioli
Caroline Vieira Ruschel
Isaura Awas Remor Milioli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180212>

CAPÍTULO 13..... 189

PLANTAS SAGRADAS DEL SISTEMA MÉDICO TRADICIONAL EN TIERRADENTRO,
CAUCA, COLOMBIA


Olga Lucia Sanabria Diago
Victor Hugo Quinto Huetocue

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180213>

CAPÍTULO 14..... 214

ETNOFARMACOPEA SAGRADA DEL ECUADOR: INTERACCIONES ESPIRITUALES
ENTRE GENTE Y PLANTAS

Montserrat Rios
Fabián Aguilar-Mora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180214>

Data de aceite: 10/02/2022

Jamille Ferreira Marques

Universidade Católica do Salvador
Doutoranda em Território, Ambiente e
Sociedade (PPGTAS - UCSAL)
Salvador – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/6767014097315343>

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Biologia
Recife – Pernambuco
<http://lattes.cnpq.br/1348666346504103>

Moacir Santos Tinoco

Universidade Católica do Salvador, Centro de
Ecologia e Conservação Animal
Salvador – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/0433618384031837>

RESUMO: A cultura engloba vários aspectos, como a epistemologia, ações, saberes, valores, crenças, visão de mundo e a espiritualidade de um determinado grupo social, que são fundamentais para a interação com o ambiente, de forma a moldar as atitudes e relações que são construídas com a natureza e, conseqüentemente, as implicações para a conservação da mesma. Neste capítulo procuramos destacar a partir do conceito da cosmopercepção, termo mais amplo que a cosmovisão, que utiliza a cultura, os valores, a organização social, a língua e o sagrado, para compreender como os indivíduos e sociedades percebem e representam as

serpentes. O simbolismo animal que envolve as serpentes pode carregar valorizações tanto negativas quanto positivas, existindo uma polivalência semântica complexa relacionada a estes animais com expressiva diversidade de significados e simbolismos. As serpentes podem estar ligadas aos símbolos teriomórficos, quando a forma do animal é associada a algum aspecto extremamente negativo em construções fantasiosas (relacionando com algo de natureza demoníaca do ser humano) e diaréticos, que representam muitas vezes uma luta espiritual do bem e do mal, que são retratadas em iconografias através de medalhas de santos ou obras de arte, como foi observada na época colonial, por ocasião da luta travada entre o Cristianismo e as sociedades ameríndias, ditas pagãs. Porém, observamos o uso das serpentes em símbolos ligados a elementos cíclicos, como renovação, fecundidade, a exemplo do *Ouroboros*. A percepção do veneno, que materializa a consciência mítica sobre a lógica da vida e da morte, pode ser ao mesmo tempo a cura e o fim, e por isso vem sendo utilizado por comunidades tradicionais para o tratamento de enfermidades. Isso exposto, fica evidente a complexidade da cosmopercepção no que se refere às serpentes.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoherpetologia. Percepção. Representação. Simbolismo. Imaginário.

COSMOPERCEPTIONS ABOUT SNAKES

ABSTRACT: Culture encompasses several aspects, such as the epistemology, actions, knowledge, values, beliefs, worldview and spirituality of a particular social group, which are fundamental for the interaction with the environment, in order to shape the attitudes and relationships that are built with nature and, consequently, the implications for its conservation. In this chapter, we seek to highlight the concept of cosmoperception, a broader term than worldview, which uses culture, values, social organization, language and the sacred, to understand how individuals and societies perceive and represent snakes. The animal symbolism involving snakes can carry both negative and positive valuations, with a complex semantic polyvalence related to these animals with an expressive diversity of meanings and symbolisms. Snakes can be linked to theriomorphic symbols, when the animal's shape is associated with some extremely negative aspect in fanciful constructions (relating to something of the demonic nature of human beings) and diaretics, which often represent a spiritual struggle of good and evil, which are portrayed in iconographies through saints' medals or works of art, as observed in colonial times, during the struggle between Christianity and the so-called pagan Amerindian societies. However, we observe the use of snakes in symbols linked to cyclical elements, such as renewal, fecundity, such as Ouroboros. The perception of poison, which materializes the mythical awareness of the logic of life and death, can be both the cure and the end, and that is why it has been used by traditional communities to treat illnesses. This exposed, the complexity of cosmoperception with regard to snakes is evident.

KEYWORDS: Ethnoherpetology. Perception. Representation. Symbolism. Imaginary.

INTRODUÇÃO

"A cobra deslizou pelo chão em movimentos rápidos e sinuosos. Havia uma pequena fresta entre a porta e o chão da sala e foi por ali que escapou a cobra, foi por ali que escapou Oxumarê." (PRANDI, 2001, p. 227).

Para Merleau-Ponty (1966), a análise reflexiva que fazemos do mundo a partir de nossas experiências e vivências se origina da nossa cultura, que é carregada de valores, simbolismos, crenças e pertencas. A reconstrução da visão de mundo por cada indivíduo e sociedade não pode ser encarada numa perspectiva universal, mas sim, como pluriversal, diversa e profunda.

Segundo a pensadora nigeriana Oyèrónké Oyewùmí (1997), a cosmopercepção trata da construção de uma percepção de mundo, trazendo consigo os valores, as crenças, as práticas, a língua e a oralidade, que têm como princípios epistêmicos a base lógica cultural das sociedades africanas em contraposição ao pensamento ocidental, sobretudo à cosmovisão colonial europeia, que se baseia apenas nos aspectos visuais (NASCIMENTO, 2019).

A cosmopercepção se relaciona com a estruturação das representações socioculturais das sociedades, que vai permitir uma compreensão dos processos e estruturas ligadas às construções das epistemologias, sentidos, processos de formação de sistemas simbólicos e imaginário, comunicação, interações, comportamento e pensamento social das comunidades humanas (JODELET, 2004; CARVALHO, 2005).

A criação e uso dos símbolos é uma forma de comunicação onde o homem, em seus grupos sociais, exterioriza medos, sonhos, angústias, crenças religiosas, relação com animais e a natureza (ENDERSON, 1964; BRUINELLI, 2009). Dentro das relações entre humanos e animais, podemos destacar a complexa relação com as serpentes, elementos cosmogônicos de forte apelo simbólico.

As serpentes representam um dos símbolos mais importantes do imaginário humano e com variadas direções de significados e, portanto, sempre despertaram uma diversidade de sentimentos que fazem parte de uma riqueza de mitos, lendas e crenças. Porém, para maior compreensão dos sentidos envolvidos nessas representações, é necessário um aprofundamento na cultura, espiritualidade, ancestralidade e experiências dos indivíduos e grupos humanos (RIBEIRO, 2017).

Quando passamos a aprofundar nas construções das representações socioculturais e cosmopercepção mítica que se relacionam com as serpentes, encontramos relações entre o aspecto mítico e os aspectos físico, biológico e comportamental. A capacidade da troca de pele, enrolar-se sobre si mesma, o tamanho, a capacidade de engolir presas sem mastigar, o corpo alongado que desliza sobre a terra e extremamente silencioso, entre outras características, permeiam a sabedoria ancestral e permitem a criação dos simbolismos, lendas, mitos e credices carregadas de elementos fantasiosos.

AS SERPENTES E SUA SIMBOLOGIA

Na cultura egípcia, observamos o Ouroboros, uma serpente que parece enrolar-se sobre si e morde a própria cauda, representando ciclos, continuidade e renascimento. A capacidade de evolução sobre si mesma em um infinito movimento (RIBEIRO, 2017; BARATA, 2018). Assim como os egípcios, na cultura indígena mesoamericana os povos Nahua e Mexica utilizavam as serpentes em iconografias religiosas que representavam divindades femininas: *Cihuacoatl* (“mulher serpente”), Deusa da Terra e do poder interno das cidades; e *Coatlicue* (“aquela com a saia de serpentes”), Deusa da vida, da morte e do renascimento (ANDRADE, 2018). *Quetzalcoatl* também era uma representação zoomórfica que envolvia as serpentes com plumas que simbolizava o vento, a vida, a vegetação, o renascimento, a sabedoria e as artes (ANDRADE, 2018).

A natureza representa a base primordial para as Comunidades Tradicionais de Terreiro, significando a energia, a força vital e o axé para as suas práticas e cada divindade

tem uma forte ligação com os elementos da biodiversidade e recursos naturais (KILEUY; OXAGUIÃ, 2015). Como bem disse o cantor e compositor Gerônimo Santana em sua canção Salve as Folhas: “Sem folha, não tem sonho. Sem folha, não tem festa. Sem folha não tem vida, sem folha, não tem nada”. Dentro dessa cosmopercepção, para as Comunidades Tradicionais de Terreiro, como as pertencentes ao Candomblé e suas diferentes nações, as serpentes desempenham um papel importante na liturgia, pois são consideradas sagradas por significar uma representação do orixá Oxumarê, do reino de Daomé (LÉO-NETO; ALVES, 2010), do Vodun Bessen, Dan, da região do Benin, e o Nkisi Angoro, da região de Angola, entidades responsáveis pela transformação, equilíbrio do ar, ligação entre a parte de cima do mundo e a de baixo, evaporação da água, da força, do movimento e representados também pelo arco-íris (OLIVEIRA-BRAGA, 2014; RIBEIRO, 2017).

As serpentes também possuem ligação com a orixá Ewá, a orixá do crepúsculo, a faixa vermelha do arco-íris, representando a beleza e a guardiã do cosmos. Ewá carrega um *adô*, uma cabaça enfeitada com búzios, adornada com uma cobra enrolada e, segundo os *itans* (contos populares da vida dos orixás), dentro da cabaça há mil mistérios e foi presente de Xangô para conquistar o amor de Ewá (PRANDI, 2001).

Segundo Léio-Neto e Alves (2010), todas as serpentes estão relacionadas a Oxumarê, bem como a serpente de importância médica, a cascavel (*Crotalus durissus*) tendo sido citada por diversos Babalorixás e lalorixás em seu estudo. Dessa forma, o *ethos* das comunidades de terreiro proporciona a conservação desses animais pela impossibilidade de lhes cometer algum tipo de injúria devido à representação sagrada que as serpentes possuem (comunicação pessoal de um sacerdote do Candomblé da nação Ketu, 2021).

Na Índia, as serpentes também são consideradas sagradas, uma vez que elas são as representações das *Nagas*, as guardiãs dos templos ligados ao Deus Shiva e representam a imortalidade e a vida, a fertilidade e o poder. Existem cultos na Índia ligados à Princesa Naga, que seria a soberana das serpentes (KULKE; ROTHERMUND, 2004).

Na cosmovisão cristã no período da Idade Média e em passagens da mitologia grega, as serpentes passam a representar o mal, o Diabo, a tentação, a luxúria, sedução, vingança, bruxaria, seres bestiais (MACHADO-ÁLVAREZ, 1987; GRIMAL, 1997; TAUNAY, 1998; DEL PRIORE, 1995; PERRELLI; SANTA-RITA; CONTINI, 2010; AZENHA, 2012; VÁZQUEZ, 2012; ANDRADE, 2016). As serpentes são causadoras do Apocalipse e assassinas de deuses na perspectiva cataclísmica dos nórdicos, ao passo que esses povos também utilizavam a serpente como amuleto de sorte com significados semelhantes àqueles dos povos africanos e ameríndios (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017).

Dentro do livro de Gênesis, na Bíblia, a serpente é apresentada como um ser ardiso e trapaceiro, expondo um discurso de cunho misógino ao relacionar as mulheres com a percepção que o Cristianismo e outras vertentes teosóficas tinham com o “réptil” (DEL PRIORE, 1995). Devido a esta visão da época medieval, várias representações

iconográficas relacionadas às serpentes eram retratadas nas artes plásticas como referência ao bestialismo e selvageria; muitas destas obras são oriundas do período jesuítico nas Américas, período em que para os cristãos a evangelização dos povos indígenas eram verdadeiras batalhas e triunfo sobre o território dominado pelas serpentes (ANDRADE, 2016).

SERPENTES NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO

Muitas crendices zoológicas foram criadas a partir de documentos descritivos da fauna no continente americano a partir das grandes navegações e extensas explorações do “Novo Mundo” entre os séculos XVI e XVII, assim como os bestiários eram carregados de descrições fantasiosas sobre as serpentes, como neste trecho:

“Longamente se occupa dos ophidios vicentinos. O seu primeiro capítulo consagra-o ás enormes serpentes sucuryuba. Havia-as immensas. Um leigo jesuíta ao avistar uma destas cobras, nadando em um rio, a tomara pelo mastro de um navio”. (TAUNAY, 1998, p. 84).

Das muitas lendas que habitam o imaginário popular no Nordeste do Brasil, havia também uma representação de uma serpente com plumas: A Serpente Emplumada da Lapa, assim como o *Quetzalcoatl*, porém, de natureza feroz e devoradora de homens que ousassem adentrar na cova onde morava, contrapondo a lenda da Cobra Norato na região amazônica, que era de índole dócil, salvava pessoas do afogamento, lutava com peixes grandes e ferozes e praticava benevolência. Norato tinha uma irmã gêmea, a Maria Caninana, que era violenta e má (CASCUDO, 2003).

Alguns contos de provável origem indígena, como Cobra Grande, também chamada de Boiúna ou Anaconda e Boitatá, são lendas bem difundidas em todo território brasileiro de cobras com tamanho descomunal, olhos grandes aterrorizantes. No caso da Cobra Grande, ela era responsável por criar os rios, formando os sulcos na terra ao se rastejar; porém, há uma infinidade de versões no imaginário popular onde ela assume por vezes o comportamento brando e por vezes agressiva. Já o Boitatá é representado por ser uma cobra que assusta os caçadores dentro das matas e os afugenta para não molestar os animais (RIBEIRO, 2017).

No imaginário brasileiro há muitos contos que abordam situações de feitiços e encantamentos envolvendo a transformação de homens ou mulheres em animais. Alguns desses contos tratam de princesas que foram transformadas em serpentes e o encanto só pode ser quebrado se alguém, com um extremo ato de coragem, optasse por enfrentar a fúria da serpente para libertar a princesa de seu castigo (CASCUDO, 2004).

Na comunidade indígena Pankararé, localizada no município de Glória, na Bahia, foi observada interação conflituosa com as cobras, onde há uma relação de medo, sensação

de perigo, desconfiança e a crença de que toda serpente é peçonhenta (LIMA, 2015). Fato também observado em Fernandes-Ferreira *et al.* (2012) em relatos de moradores em dez localidades no estado do Ceará, onde constatou-se que há uma tendência em crenças nas quais as serpentes se mostram vingativas e zangadas, incluindo a boídea *Epicrates assisi*, comumente chamada de salamanta ou jiboia-arco-íris. Os moradores entrevistados em ambos os estudos citaram que ela, por vezes, é mansa, mas possui veneno, pode matar quando se zanga e quando pica a pessoa tem o comportamento de ir atrás e ouvir o som do tombo para confirmar que o veneno fez efeito. Porém, como os outros boídeos *E. assisi* não possui glândulas de veneno e não tem importância médica (FERNANDES-FERREIRA *et al.*, 2012; LIMA, 2015).

Argôlo (2004) relatou que no imaginário de trabalhadores nos cacauais no Sul da Bahia as serpentes representavam o perigo e em muitas construções fantasiosas eram seres vingativos, trapaceiros e ardilosos. Corroborando com os dados obtidos por Moura *et al.* (2010) e Marques *et al.* (2019), que relatam que por influência da religião de matriz judaico-cristã, as pessoas creem que todas as serpentes oferecem perigo.

Souza *et al.* (2006) registraram que os moradores do Alto Juruá, no Acre, contam com a proteção divina de São Bento contra as picadas de cobras e que, muitas vezes, quando ocorriam acidentes ofídicos, procuravam a medicina ancestral dos benzedores, prática que entrou em desuso pela chegada de estrutura de saúde fornecida pelo Estado, mas os mais fervorosos ainda utilizam as preces como tratamento complementar, o que também foi observado em Itatiaia, interior de São Paulo, por Pires e Pinto (2013), e na zona rural de Uruçuaia, em Minas Gerais, por Pereira (2017), pois quando moradores adentravam as áreas de mata rogavam por tal proteção.

São Bento é um santo católico conhecido por ser o “Santo das Cobras”, pois durante sua vida sofreu diversas tentativas de envenenamento. Uma das histórias mais difundidas é a da serpente saindo do cálice de vinho depois de ele ter feito o sinal da cruz em uma das suas missas. Na medalha do santo, utilizada pelos fiéis nos dias de hoje, é possível ver a iconografia da serpente e o cálice junto com a inscrição da reza: “*A Cruz Sagrada seja minha Luz. Não seja o dragão o meu guia. Afasta-te Satanás. Nunca me aconselhes coisas vãs. É mau o que me ofereces. Bebes tu mesmo teu veneno!*” (BARBOSA NETO, 2020).

Devemos destacar que o imaginário não se limita apenas a mitos e credices. Apesar da percepção de que todas as serpentes têm o potencial de causar injúrias aos humanos e por esse motivo as pessoas têm a tendência de exterminá-las indiscriminadamente, esses répteis são utilizados em práticas zoterápicas em comunidades no semiárido nordestino para o tratamento de reumatismos, furúnculos, artroses, contusões, fascite plantar, dores em geral, utilizando-se principalmente a gordura das espécies *Eunectes murinus*, *Boa constrictor* e para *Crotalus durissus* cita-se também o uso do chocalho para o tratamento da asma (ALVES *et al.*, 2009; ALVES; ROSA, 2007, 2013).

Observa-se para além da cura de problemas físicos, o uso mágico-religioso para tratar complicações da saúde espiritual, com a criação de amuletos apotropaicos produzidos com a finalidade de afastar energias negativas, “mau-olhado” e maus espíritos, além de patuás, através do uso do chocalho e pele curtida (Costa Neto, 2000; SANTOS-FITA; Costa Neto; SCHIAVETTI, 2010). Os patuás, que são pequenas bolsinhas de couro, onde na época colonial foi trazida pelo povo Malinke (ou Mandinga) para colocar mensagens, trechos do livro sagrado do Alcorão, elementos terapêuticos para curar doenças do corpo e da alma, muitas vezes confeccionados com as peles das serpentes e com um cordão para pendurar no pescoço, que adquiriram outros componentes simbólicos e são utilizados até os dias hoje e com o uso originou-se a frase “quem não pode com mandinga, não carrega patuá” (BERTOLOSSI, 2006; BRASILEIRO, 2010).

CONCLUSÃO

Quando analisamos as cosmo percepções das diferentes culturas citadas neste capítulo, relacionando-as com a ecologia profunda e Ecologia Espiritual, percebemos que devemos levar em consideração nas ações de conservação as dimensões espirituais nas formas de perceber o mundo e sua biodiversidade (MARCHI, 2005; Costa Neto, 2020). Essas dimensões nos possibilita compreender a multiplicidade de modos e sentidos na construção das relações com a natureza, que apresentam interações e práticas diversas a partir dos sistemas de crenças religiosas (CARVALHO; STEIL, 2008; PEREIRA, 2019). Devemos nos perguntar: de que forma essa dimensão espiritual pode implicar a conservação das serpentes e quais ações devem ser tomadas para manter a equidade?

A bioculturalidade que é expressada pela cultura indiana, pelas comunidades de terreiro de Candomblé e pelos indígenas mesoamericanos é de que as serpentes são parte do patrimônio sagrado dessas culturas, que é transmitido primordialmente por via oral de geração a geração, contrapondo-se à visão judaico-cristã de repulsa e maldição que recaem sobre esses animais que podem gerar um declínio populacional, colocando esse grupo em vulnerabilidade à extinção se medidas conservacionistas e de educação ambiental não forem tomadas.

A conservação desse grupo exige um trabalho árduo por parte dos profissionais porque estão lidando com camadas profundas das construções mítico-religiosas da maioria das pessoas; assim, devemos estar atentos com as nossas produções dentro das universidades para que dia após dia possamos quebrar paradigmas junto a sociedade em relação às serpentes e demonstrar que elas desempenham um papel importante para o equilíbrio dos ecossistemas.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. **Animals in traditional folk medicine**: implications for conservation. Berlin: Springer-Verlag, 2013.

ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Zootherapy goes to town: the use of animal-based remedies in urban areas of NE and N Brazil. **J. Ethnopharmacol.**, v. 113, p. 541-555, 2007.

ALVES, R. R. *et al.* Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **J. Ethnobiology Ethnomedicine** 5, 12, 2009. Doi 10.1186/1746-4269-5-12.

ALVES, R. R. N.; SILVA, W. L. V.; SANTANA, G. G. Reptiles used in traditional folk medicine: conservation implications. **Biodiversity Conservation**, v. 17, p. 2037-2049, 2008. Doi 10.1007/s10531-007-9305-0.

ANDRADE, R. A. C. de. **Entre a cruz e a serpente**: poderes e simbologias opostas em uma tela persuasiva. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/1_rafael%20andrade.pdf. 2016>. Acesso em: 10 set 2021.

ANDRADE, R. A. C. de. **Tlacamictiliztli**: os rituais sacrificiais nahuas e sua recepção no universo artístico europeu e do Vice-Reino da Nova Espanha. 2018. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ARGÔLO, A. J. S. **As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia**. Ilhéus: Editus, 2004.

AZENHA, J. A. **O arquétipo da bruxa**: de Aura a Inquieta companhia. 2012. 113 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2012.

BARATA, F. Espécies animais de Miróbriga e suas referências bibliográficas e mitológicas. **Albeterivum**, v. 4, p. 81-167, 2018.

BARBOSA NETO, J. **A poderosíssima medalha de São Bento**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2020.

BERTOLOSSI, L. C. A medicina mágica das bolsas de mandinga no Brasil, séc. XVIII. **XII Encontro Regional de História**, p. 1-9, 2006.

BRASILEIRO, J. **Cultura afro-brasileira na escola**: o Congado em sala de aula. São Paulo: Ícone Editora, 2010.

BRUINELLI, T. O. Simbologia animal: a pomba e o corvo nos bestiários medievais. **Revista Aedos**, v. 2, n. 2, p. 230-239, 2009.

CARVALHO, J. E. C. As representações sociais e o conhecimento do cotidiano: uma crítica metodológica a partir da filosofia da linguagem. **Revista Neurociências**, v. 13, n. 3, p. 145-151, 2005.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, p. 289-305, 2008.

- CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Editora Global, 2004.
- CASCUDO, L. C. **Lendas brasileiras**. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2003.
- Costa Neto, E. M. Ecologia Espiritual e patrimônio biocultural. **Travessias**, v. 14, p. 14-23, 2020. Doi 10.48075/rt.v14i1.24180.
- Costa Neto, E. M. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira. Resultados preliminares. **Interciência**, v. 25, n. 9, p. 423-431, 2000.
- DEL PRIORE, M. L. M. Melusinas, sereias e mulheres-serpentes na literatura sacra do século XVII. **Cadernos Pagu**, n. 4, p. 49-74, 1995.
- FERNANDES-FERREIRA, H. *et al.* Crenças associadas a serpentes no Estado do Ceará, Nordeste do Brasil. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas**, v. 11, p. 153-163, 2012. Doi 10.13102/scb70.
- GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- JODELET, D. Representações sociais: contribuição para um saber sociocultural sem fronteiras. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 1, n. 2, p. 23-38, 2004.
- KULKE, H.; ROTHERMUND, D. **A history of India**. 4. ed. Londres: Routledge, 2004.
- KILEUY, O.; OXAGUIÃ, V. de. **O candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fom**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- LÉO-NETO, N. A.; ALVES, R. R. N. A natureza sagrada do Candomblé: análise da construção mítica acerca da natureza em Terreiros de Candomblé no Nordeste do Brasil. **Interciência**, v. 35, n. 8, p. 568-584, 2010.
- LIMA, E. L. C. **Relações entre os indígenas Pankararé e os répteis no semiárido nordestino, Bahia, Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado Ecologia Humana) – Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso, 2015.
- MACHADO-ÁLVAREZ, A. **El folk-lore Andaluz**. 1. ed. Sevilha: Sociedad Folk-Lore de Andaluz; Fundación Antonio Machado de Sevilla, 1987.
- MARCHI, E. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História: Questões & Debates**, v. 43, n. 2, p. 33-53, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7861/5542>>. Acesso em: 09 set. 2021. Doi: 10.5380/his.v43i0.7861.
- MARQUES, J. F. *et al.* Sociobiodiversidade, etnoecologia e etnoherpetologia. In: **Restinga: herpetofauna do Litoral Norte da Bahia**. 1. ed. São Paulo: Barro de Chão, 2019. p. 524-531.
- MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

MOURA, M. R. *et al.* O relacionamento entre pessoas e serpentes no leste de Minas Gerais, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica**, v. 10, n. 4, p. 133-141, 2010.

NASCIMENTO, W. F. Oyèrónké Oyewùmi: potências filosóficas de uma reflexão. **Problemata - Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, n. 2, p. 8-28, 2019.

OLIVEIRA, L. V.; OLIVEIRA, Â. A. de. O simbolismo do lobo e da serpente no Ragnarök. **Diversidade Religiosa**, v. 7, n. 1, p. 216-240, 2017.

OLIVEIRA-BRAGA, L. R. **Etnocartografia e modelagem do território sagrado das comunidades tradicionais de Candomblé, Santa Luzia, MG**. 2014. 86 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

OYÉWÙMÍ, O. **The invention of women: making an African sense of western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

PEREIRA, V. A. **Ecologia cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos**. Juiz de Fora: Garcia Edizioni, 2016.

PEREIRA, L. P. "Ofensa de cobra": corpos, venenos e mundos em conflito. **Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, v. 3, n. 3, p. 92-113, 2017.

PERRELLI, M. A. de S.; SANTA-RITA, P. H.; CONTINI, A. Z. Saberes tradicionais sobre as serpentes e implicações para educação ambiental intercultural. **Série-Estudos**, n. 30, p. 363-381, 2010.

PIRES, M. R. S.; PINTO, L. C. C. Percepção ambiental sobre o conhecimento popular de moradores rurais relativo às serpentes e acidentes ofídicos. **Educação Ambiental em Ação**, 2013. Disponível em: <<https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1615>>. Acesso em: 29 set 2021.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, M. G. **O imaginário da serpente de A a Z**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

SANTOS-FITA, D. S.; COSTA NETO, E. M.; SCHIAVETTI, A. 'Offensive' snakes: cultural beliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural settlement. **J. Ethnobiology Ethnomedicine**, 6, 13, p. 1-13, 2010. Doi 10.1186/1746-4269-6-13.

TAUNAY, A. **Zoologia fantástica do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998.

VÁZQUEZ, F. **Crónica de la Provincia del Santísimo Nombre de Jesús de Guatemala (1681-1714)**, v. 4, apud ALCALÁ, L. E., op. cit., 2012, p. 599.

SOBRE OS AUTORES

ANA CECÍLIA MARIA ESTELLITA LINS – Graduada em Letras – Português do Brasil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em ensino para imigrantes e refugiados. Graduada em Administração Pública. Auditora de Controle Interno do Governo do Distrito Federal (aposentada). Áreas de interesse: educação e espiritualidade.

AURORA LOPE ALZINA – Licenciada em Ciências e Técnicas de Comunicação Social. Desde 2014 acompanha o Ensino da Mestra Ascensionada, dado pela Loja dos Irmãos Maiores, a Grande Fraternidade Branca, por meio do Ensino do “Eu Sou”. Em 2015, passa a integrar a Escola de Ensino Espiritual “Ciudad Kumara, Tú Evolución Espiritual”, dirigida por Mónica Tacca Ponteburu, que pratica, difunde, compartilha e expande o ensinamento original baixado para esta era. Desde 2019 é instrutora de Metafísica Básica nesta mesma escola de Ensino Espiritual e Esotérico.

CAROLINE VIEIRA RUSCHEL – Advogada Colaborativa, doutora em Direito (UFSC), pós-doutoranda em Ciências Ambientais (PPGCA/UNESC), membro do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans). Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

CLAUDIA NUNES SANTOS – Professora da Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia. Atua no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia. Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa “Estudos Socioambientais Costeiros (UFPA) e membro dos Grupos de Pesquisa “Interações humanos-não humanos”/UFS, Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ERALDO MEDEIROS COSTA NETO – Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas. Atua no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução/UEFS e no Doutorado Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Universidade do Cauca (Colômbia). Tem experiência nos seguintes temas: etnozologia, etnoentomologia, zooterapia, herança biocultural, Ecologia Espiritual e neoxamanismo. Coordenador dos Grupos de Pesquisa “Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ÉRIKA FERNANDES PINTO – Formação em Ciências Naturais, com doutorado em Ciências Sociais. Atua há mais de 20 anos na área socioambiental, buscando a convergência das políticas de conservação da natureza com os direitos de povos indígenas e comunidades tradicionais. Idealizadora da iniciativa *Sítios Naturais Sagrados do Brasil*, que busca mapear esses lugares e divulgar a importância da sua proteção no país e em outros contextos latino-americanos. Integra o Grupo Internacional de Especialistas em Valores Culturais e Espirituais das Áreas Protegidas, da União Internacional para a Conservação da Natureza (CSVPA/

IUCN). Trabalha no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), onde coordena um programa voltado ao reconhecimento e integração dos valores culturais da natureza na gestão de áreas protegidas.

FABIAN AGUILAR-MORA – Master em Ciências, professor e pesquisador, Engenharia em Biotecnologia, Membro do Grupo de Pesquisa em Microbiologia Aplicada, Faculdade de Ciências da Vida, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador.

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA – Engenheiro Agrônomo, com doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Graduado em Psicologia. Professor Adjunto no Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC. Experiência em extensão rural, cooperativismo, metodologia científica, psicologia ambiental e comunidades sustentáveis.

GABRIELA PASSOS MOREIRA – Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Professora Pedagoga e especialista em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino. Terapeuta integrativa vibracional, aromaterapeuta, taróloga e radiestesista.

GEMICRÊ DO NASCIMENTO SILVA – Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, Especialista em Metodologia e Ensino do Desenho. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana nas disciplinas História da Arte e Desenho. Coordenador do Programa de Extensão “Artes Transdisciplinares e Culturas: Repertórios Simbólicos e Ecopedagógicos no Cotidiano de Educar”.

GERALDO JORGE BARBOSA DE MOURA – Professor, Pesquisador, Escritor e Psicanalista. Vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e ao Instituto da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE/FEBRAPS/IPA). Atua nos seguintes Programas de Pós-graduação: Biociência Animal/UFRPE; Biodiversidade/UFRPE; Ciências Ambientais/UFRPE; Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL; Ecologia Humana/UNEB.

GERALDO MILIOLI – Sociólogo, docente/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Coordenador do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans) e do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

HILDO HONÓRIO DO COUTO – Pesquisador Associado da Universidade de Brasília. Professor Emérito. Atua nas seguintes áreas: contato de línguas, relações entre língua e meio ambiente (Ecolinguística). Fundador de “Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)”.

IAN FELIPE NASCIMENTO – Discente do curso de Geografia (bacharelado) na Universidade Estadual de Santa Cruz.

ISAURA AWAS REMOR MILIOLI – Bacharel em Naturologia, pós-graduada em Tanatologia. Naturóloga da Prefeitura Municipal de Laguna – SC. Integrante do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

JAMILLE FERREIRA MARQUES – Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da UCSAL. Membro do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Colaboradora do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL e membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

JOÃO JOSÉ DE SANTANA BORGES – Doutor em Ciências Sociais. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *Campus* III). Atua no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Corpoética: estudos interdisciplinares em Comunicação, Educação e Saúde”. Autor dos livros “Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas” (2015), “Ecologia mística” (2017), “Corpoética: yoga nas escolas” (2017), “O Yogue e o Pajé nas sendas do misticismo ecológico” (2020). Professor de Yoga, iniciado no Tantra Yoga pela Amanda Marga.

LESLIE E. SPONSEL – Professor Emérito do Departamento de Antropologia, Universidade do Havaí, Honolulu. Autor do livro “Spiritual Ecology: a quiet revolution” (Praeger, 2012).

MOACIR SANTOS TINOCO – Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Católica do Salvador. Coordenador do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Coordenador do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL. Membro do Laboratório de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos/UFRPE. Atua junto aos Programas de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL e Biodiversidade/UFRPE. Membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

MÓNICA PATRICIA TACCA – Filósofa, advogada, além de leiloeira pública e corretora imobiliária. Fundadora do Grupo Ciudad Kumara, com sede em Córdoba, Argentina, agrupando pessoas de diferentes lugares. Seus áudios e vídeos encontram-se disseminados nas redes sociais, geralmente sob o título de Ciudad Kumara, Tu Evolución Espiritual, ou simplesmente Ciudad Kumara.

MONTERRAT RIOS – Doutorado em Ciências, Universidade Federal do Pará. Professora, Engenharia em Biotecnologia, Faculdade de Ciências da Vida, Pesquisadora do Grupo de

Biogeografia e Ecologia Espacial, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador. Membro do Grupo Mundial de Especialistas em Plantas Medicinais, Comissão de Sobrevivência de Espécies, União Internacional para Conservação da Natureza. Colabora em iniciativas governamentais e privadas de desenvolvimento social e gestão ambiental direcionadas a melhorar a qualidade de vida das populações tradicionais nas áreas urbanas e rurais. Mestre em Programação Neurolinguística. Mestre em Filosofia da Yoga. Mestre em Reiki. Praticante de Reprogramação de DNA. Eterno Estudante do Caminho da Bíblia Sagrada.

OLGA LUCIA SANABRIA DIAGO – Doutora em Ciências, pós-doutorado em Ciências Interdisciplinares do Meio Ambiente da UNAM, México. Professora Titular do Departamento de Biologia da Universidade do Cauca, Colômbia. Coordena o Doutorado em Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Unicauca. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.

PAULA CHAMY – Graduada em História e em Direito, com doutorado em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora colaboradora do NEPAM/ UNICAMP, atuando nos seguintes temas: etnoconhecimento e etnoconservação, ambiente e sociedade, unidades de conservação de uso direto e sustentabilidade, gestão compartilhada de recursos de uso comum, políticas públicas para conservação.

RAUL FRANCO VALVERDE – Diretor acadêmico Co-op dos programas de Operações de Gestão da Cadeia de Abastecimento e Gestão de Tecnologia Empresarial. Nesta função, fornece aconselhamento acadêmico e de carreira, além de coaching para os alunos que fazem parte destes programas. Professor sênior da Concordia University e presidente do Conselho de Credenciamento de Gestão de Tecnologia Empresarial da Technation Canada. Professor Adjunto na Universidade de Quebec em Outaouai.

VICTOR HUGO QUINTO HUETOCUÉ – Ecólogo da Fundação Universitária de Popayán. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades


Ano 2022



www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022

